

GRANDE ENTREVISTA

Décio Santos

Dois mandatos com dificuldades e conquistas

A terminar o segundo mandato à frente dos Bombeiros de Angra do Heroísmo, Décio Santos faz um balanço positivo e destaca as conquistas alcançadas.

Págs. 02 e 03



DIÁRIO INSULAR

Págs.
08 e 09

Pág.
10

SC LUSITÂNIA

Sócios aprovam venda da sede

Sócios do SC Lusitânia aprovaram, em assembleia-geral, proposta da direção para a venda do imóvel histórico da sede social.

Pág.
05

PRIVATIZAÇÃO DA AZORES AIRLINES

Consórcio contesta parecer

O Atlantic Connect Group, único concorrente, acusa o júri de incoerências, erros jurídicos e conclusões "difamatórias".

Pág.
04

CULTURA

Monte Brasil dá nome a festival de história e de literatura

Níveis de alerta vulcânicos voltam a BAIXAR

DESDE JUNHO DE 2022 QUE A ATIVIDADE SÍSMICA NA TERCEIRA ESTÁ ACIMA DOS VALORES NORMAIS DE REFERÊNCIA. DEPOIS DE, EM NOVEMBRO, DOIS SISTEMAS TEREM SUBIDO PARA V3, QUE INDICAVA "FASE DE REATIVAÇÃO", VOLTAM AGORA A BAIXAR PARA V2 ("FASE DE INSTABILIDADE").

FOTOGRAFIA: SURAM

PUB.



ESTE ESPAÇO É O IDEAL PARA
PUBLICITAR A SUA EMPRESA

e está disponível

CONTACTE-NOS E SAIBA AS CONDIÇÕES.
Av. Infante D. Henrique, 1, Angra do Heroísmo
Telefone: 295 401050
dipublicidade@diarioinsular.pt

di



De saída da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Angra do Heroísmo (AHBVAH), Décio Santos faz um balanço positivo dos últimos dois mandatos e alerta para os desafios futuros.

DÉCIO SANTOS, PRESIDENTE DOS BOMBEIROS DE ANGRA

“Emergência pré-hospitalar devia ser financiada a 100% pela região”

TERMINA, EM BREVE, O SEGUNDO MANDATO COMO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ANGRA DO HEROÍSMO E NÃO SE RECANDIDATA. QUE BALANÇO FAZ DESTES SEIS ANOS? A forma como cheguei aos bombeiros, no final de 2019, não decorreu, propriamente, de uma vontade ou projeto pessoal que cultivasse. Nessa altura, perante as ameaças de um vazio diretivo na instituição – o qual seria sempre altamente lesivo para a própria e para a ilha Terceira – fui desafiado por alguns sócios da instituição a apresentar a minha candidatura à liderança dos destinos desta prestigiada entidade, confiança que muito me honrou. Nessa época, o meu conhecimento em relação à realidade dos bombeiros era residual, todavia, sentido de missão e serviço público justificaram que aceitasse o desafio. Encontrei uma realidade muito desafiante, agravada logo em seguida pela covid-19... A associação enfrentava uma desestruturação financeira e administrativa muito evidente com imensas carências que começavam nas parcas receitas ou gestão de despesas, passando pelos recursos humanos e suas condições de trabalho a que se somavam a empreitada de remodelação e ampliação do nosso Quartel dos Altares que estava muito “desgovernada”. Perante todo esse contexto foi fundamental promover a evolução do sistema de gestão organizacional para um modelo profissional,

aplicando decisões, ferramentas e métodos que permitiram, tanto aumentar recursos financeiros como tornar a instituição mais eficiente em relação às suas despesas ou gestão de recursos e, em simultâneo com essas alterações, fazer aumentar tanto o número de recursos humanos como melhorar as suas condições de trabalho, investir em novos equipamentos e ferramentas, em suma, tornar a instituição mais saudável e resiliente. Foram dois mandatos com dificuldades, muito esforço e, também, muitas conquistas: Levámos a bom porto a ampliação do nosso Quartel dos Altares minimizando as derrapagens orçamentais previstas; aumentámos as nossas receitas para mais do dobro; diminuímos em cerca de 20% a despesa corrente, o que engloba tudo o que são gastos correntes como eletricidade, comunicações ou manutenção e conservação e fizemos isso assegurando sempre a operacionalidade da nossa corporação, ou seja, aumentámos a nossa eficiência; voltámos a disponibilizar serviços como a “manutenção de extintores” e diversificámos os serviços prestados e produtos comercializados registando resultados financeiros muito positivos; adquirimos novos equipamentos, viaturas, fardamento, material informático e formativo; aumentámos, ainda, a capacidade operacional do socorro ao instituir, em parceria com o município de Angra, o primeiro Grupo de Inter-



DÉCIO SANTOS. “Foram dois mandatos com dificuldades, muito esforço e, também, muitas conquistas”

venção Permanente dos Açores, que permite acelerar a velocidade de resposta e, ainda que por fim, mas seguramente o mais importante, melhorámos as condições de trabalho dos nossos bombeiros, passando a cumprir com escrupulo e rigor a legislação laboral vigente, regularizando contratos precários (recibos verdes), instituindo serviços inexistentes quando chegámos, como eram a medicina no trabalho, melhorando os seguros e respetivas coberturas, assinando um acordo coletivo de trabalho com o sindicato representativo dos nossos bombeiros voluntários e, acima de tudo, quase duplicando o número de funcionários da associação. Quando assumimos funções, em 2019, eram 33 trabalhadores e, hoje, são 57. Por tudo o que foi até aqui exposto, naturalmente, apesar de não ter sido um trabalho “perfeito”, entendemos que o balanço a fazer só pode ser muito positivo. Como último indicador, destacamos o facto de, felizmente, ao contrário de 2019, segundo as indicações que tenho, existirem ago-

ra vários interessados à minha sucessão... Isso só pode ser positivo. Há, por último, que salientar que este foi um trabalho de uma vasta equipa que me acompanhou, dirigentes, funcionários, bombeiros, prestadores de serviço, aos quais, naturalmente, muito agradeço a confiança e pela colaboração.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS DESAFIOS DESTA INSTITUIÇÃO CENTENÁRIA?

Há quatro grandes desafios: (1) o financiamento da emergência pré-hospitalar (ambulâncias de socorro) que é financiado em cerca de 70% pelo Governo, tendo a associação de assegurar 30% do seu financiamento. Nós entendemos que esse serviço deveria ser assegurado a 100% pela região, ficando a associação com a responsabilidade de – com base voluntária – assegurar todo o restante socorro (fogos, acidentes, etc.); (2) assegurar a manutenção dos seus edifícios, pois, como falha a premissa número 1, a boa gestão não faz milagres e o dinheiro não chega para manutenção e conservação; (3) aumentar o

Falta de voluntários

“Os bombeiros precisam de um estatuto profissional próprio. Por exemplo, a idade de reforma dos bombeiros não pode ser 65 anos, sendo fundamental assegurar a justa valorização e proteção de risco aos bombeiros. Um bombeiro voluntário em situação de invalidez devido a uma operação de socorro não pode ficar reduzido a uma pensão de miséria”.

número de bombeiros contratados, coisa que a associação não consegue fazer, pois não existem no mercado de trabalho bombeiros para podermos contratar, e (4) manter uma gestão profissional com base em métodos profissionais. Os bombeiros são na nossa sociedade a mais importante das instituições privadas.

O MODELO DE FINANCIAMENTO RECENTEMENTE IMPLEMENTADO VEIO DAR RESPOSTA ÀS NECESSIDADES DAS CORPORACÕES DE BOMBEIROS?

O modelo, recentemente implementado, é um bom modelo e uma boa resposta e um bom caminho, todavia, se estivesse – a par disso – assegurado o financiamento da emergência pré-hospitalar a 100%, como referimos acima, todas as

associações de bombeiros teriam condições para ser totalmente sustentáveis agora e no futuro.

A FALTA DE VOLUNTÁRIOS É UM PROBLEMA NO QUARTEL DE ANGRA DO HEROÍSMO E, DE UM MODO GERAL, NOS AÇORES? COMO SE PODE COMBATER?

É um problema em Angra e nos Açores. Os bombeiros precisam de um estatuto profissional próprio. Por exemplo, a idade de reforma dos bombeiros não pode ser 65 anos, sendo fundamental assegurar a justa valorização e proteção de risco aos bombeiros. Um bombeiro voluntário em situação de invalidez devido a uma operação de socorro não pode ficar reduzido a uma pensão de miséria. Esse problema combate-se com respostas políticas à altura.



AHBVAH. Décio Santos destacou o aumento de recursos financeiros da instituição e a melhoria de condições de trabalho dos bombeiros

editorial.

O IMPACTO DAS TARIFAS DE TRUMP

O impacto dos aumentos das tarifas dos EUA, em 2025, tem sido um tema controverso, considerando as discrepâncias dos relatórios publicados pelos países envolvidos relativamente a essas transações. No entanto, tomando por bons os dados do Departamento do Censo dos EUA, do Eurostat e da Administração Geral de Alfândegas da China, chega-se a algumas conclusões: houve um aumento expressivo na generalidade das importações norte-americanas, em Março de 2025, o que demonstra que as empresas do Tio Sam anteciparam compras temerosas dos reflexos do aumento das taxas aduaneiras de Trump. Depois da entrada em vigor das tarifas, a tendência inverteu-se. As importações americanas da China sofreram um revés de -45% até ao mês de Novembro, tendo o mercado norte-americano compensado com importações de Taiwan e Vietname, por exemplo. As importações da União Europeia (UE) baixaram apenas 4%. Em reação a esta redução, a UE aumentou as exportações para o Reino Unido, Noruega, Suíça e Turquia, tendo as exportações ultrapassado as perdas com o mercado norte-americano. Outro tanto aconteceu em relação à China, que encontrou recetividade noutros mercados que compensaram os 45% de perdas de exportações para os EUA. Para recordar, uma das principais justificações das tarifas de Trump é a redução do défice comercial da América. Em 2025, acreditando nos relatórios, houve um aumento das exportações, mas isso deveu-se principalmente às exportações de ouro não monetário devido à alta de preço nunca antes vista e não se deveu à exportação de bens manufaturados nos EUA. É um facto que se verificou um abrandamento nas importações do aço impulsionando a produção interna. Mas o mesmo não aconteceu com o alumínio e o défice comercial do setor automobilístico chegou a aumentar. Estes resultados sugerem que tanto a União Europeia quanto a China têm-se aproveitado de estruturas de exportação diversificadas para mitigar o impacto do protecionismo dos EUA. Conclui-se que as cadeias de suprimentos globais reorganizaram-se geograficamente e também que o comércio global está-se fragmentando, mas continua a ser global. Ou seja, a “nova” teoria económica da administração norte-americana está longe de surtir os efeitos desejados e é bem provável que 2026 venha a ser muito duro, a não ser que o ouro seja um bem inesgotável nos cofres dos EUA, continue a ser exportado e assim apresentado como equilíbrio da balança comercial. Se não houver aumento da produção interna, as consequências na carteira dos norte-americanos vão fazer-se sentir e poderá ajudar à derrocada política interna com reflexos nas eleições intercalares lá para o final do ano. Boas notícias para a UE? Do ponto de vista comercial reconhece-se que tem havido trabalho: o Mercosul, ainda que polémico, vai trazer mais vantagens do que desvantagens, o diálogo com a China e com a Índia é uma realidade e tem muito caminho para ser feito e isso explicará a continuação do equilíbrio nas exportações. Resta, não menos importante, a questão da defesa, com a NATO debaixo de fogo. E aí continuamos a ser tímidos. [Esta Nota bebeu muito num artigo de Zsolt Darvas e Marie-Sophie Lappe, publicado na Bruegel, a 02 de Fevereiro].